

O pai, o filho e o espírito das palavras

Livros de Sérgio Sant’Anna, que completaria 80 anos neste sábado, e de André Sant’Anna mostram a força da literatura que reage ao tempo e desafia a morte

Sant’Anna, Sérgio | Depois da última noite

CARLOS MARCELO

Em um país cada vez mais deteriorado, o que resta é contemplar o céu (“embora os trilhões de astros estivessem ocultos pela névoa”) e se dedicar à arte, à imaginação, à memória; também se atirar ao passado e escutar Jim Morrison cantar “The end, this is the end”, mesmo quando ninguém o estivesse escutando,

ENTREVISTA

GUSTAVO PACHECO

organizador de “A dama de branco”

“O conto que dá nome ao livro é uma espécie de despedida”

Como você conheceu Sérgio Sant’Anna? O que guarda de mais marcante nos encontros com ele?

Encontrei Sérgio Sant’Anna pela primeira vez no final dos anos 1980, eu tinha uns 15 ou 16 anos e ele veio ao meu colégio conversar com alunos. Lembro-me de que fiquei impressionado como ele respondia com toda a atenção às perguntas idiotas que a gente fazia. Fui reencontrá-lo 30 anos depois, quando publiquei meu primeiro livro e enviei a ele um exemplar. Ele leu, gostou e, mesmo sem me conhecer, me mandou um e-mail muito afetuoso e generoso. A partir daí, ficamos amigos, nos falávamos com alguma frequência e eu o visitava sempre que ia ao Rio. Nessas conversas, sempre me espantou duas coisas. Primeiro, que ele não falasse muito de literatura, eu tentava levar a conversa por esse lado, mas ele acabava falando do fluminense, da prisão do Lula, do último filme do Godard. Apesar de passar muito tempo sozinho em casa e sair pouco, ele estava sempre ligado no que acontecia no mundo, tinha muitos interesses. Segundo, me surpreendia que ele estivesse genuinamente interessado no que eu tinha a dizer, ele sempre perguntava minha opinião a respeito do que ele escrevia e de outros assuntos. Ouvi a mesma coisa de outros escritores mais jovens que tinham contato com ele. O Sérgio nunca se colocou no papel de vaca sagrada que fica cagando regra, pelo contrário, estava sempre interessado em ouvir os outros, inclusive os mais jovens.

Por que você chama, na apresentação, Sérgio Sant’Anna de um escritor “obcecado por seu ofício”?

Porque ele sempre levou a literatura muito, muito a sério, e investia muito tempo e energia lendo, escrevendo e pensando sobre literatura. Podia passar dias e dias reescrevendo um mesmo parágrafo, e o humor dele oscilava muito, conforme a satisfação ou a insatisfação que ele sentia com aquilo que escrevia. Diz o André Sant’Anna, filho dele, que o ato de escrever sempre foi muito doloroso e angustiante para o Sérgio, pelo menos até o fim da vida, quando ele começou a relaxar um pouco mais.

O que une as narrativas publicadas depois de “Anjo noturno” e reunidas no livro?

Acho que, por um lado, há alguns elementos que atravessam todas as narrativas, como por exemplo a angústia diante da morte. Ele estava sentindo a morte chegar e não escondia uma certa obsessão com isso. Por outro lado, as narrativas também retomam temas que atravessam toda a obra do Sérgio, como o sexo, o futebol, a memória, os artistas que ele admirava. Nesse sentido, é como se ele quisesse revisitar pela última vez as obsessões de uma vida inteira, e isso também dá unidade ao livro.

O que mais o impressionou nos textos inéditos que encontrou no computador do escritor?

O mesmo que sempre me impressiona

eterno”. Impossível dissociar o personagem de “Eterno”, um dos contos de “A dama de branco”, de seu autor, Sérgio Sant’Anna. O escritor carioca, vitimado pela COVID em 2020, completaria 80 anos neste sábado, 30/10. O livro póstumo, organizado pelo escritor Gustavo Pacheco (“Alguns humanos”), inclui 17 contos: alguns haviam sido publicados em revistas e sites, outros permaneciam inéditos. Também foi incluída na edição uma novela inacabada: “Carta marcada” começa no final da década de 1960, em Belo Horizonte

(onde o escritor morreu), e chega abruptamente ao Rio de Janeiro contemporâneo: “Os personagens são os mesmos, mas não há qualquer sinal de que tenham envelhecido, nem indicação alguma de passagem do tempo”, destaca Pacheco na apresentação, ao chamar a atenção para o “cavalo de pau narrativo” na história pontuada por paixões, fetiches, citações (Baudelaire, Anais Nin), quadros descritos como “obras de arte degenerada” e encerrada com um crime de “corpos inertes e nus, abraçados”.

Ainda em “A dama de branco”, há criações a partir de lembranças da infância (o encantador “Das memórias de uma trave de futebol em 1955”), do fazer literário (“Um conto quase mínimo”, “Anticonto”), de sonhos e de desejos, pontuados por certezas: “A vida, toda ela, é um devorar sem fim”. Quase todas as narrativas, como o escritor preferia chamar suas histórias curtas, são assombradas pela proximidade da morte, descrita como “a última e aparentemente definitiva noite” em “O

bordel” e encarada como “uma obsessão” na história que dá nome ao livro. Em outra narrativa potente, “A filha de Drácula”, relato inicialmente impessoal e que vai sendo tomado por erotismo e horror, o autor recusa a finitude do corpo e garante: “Nosso encontro permanece vivo”. O mesmo se pode dizer em relação a Sant’Anna e seus leitores: a cada encontro com as palavras, ele permanece vivo. A seguir, uma entrevista por e-mail com Gustavo Pacheco.

ANDRÉ DE LEONES*

ESPECIAL PARA O EM

Não é de hoje que André Sant’Anna demonstra um talento formidável para navegar nesse pântano de dissonância cognitiva que é o Brasil. Os discursos e comportamentos bizarros, autocontraditórios, violentos e delirantes já marcam presença nas narrativas do autor publicadas desde o final da década de 1990, longas e curtas. Na novela “Sexo” (1999, republicada no volume “Sexo e amizade”, 2007), por exemplo, os personagens são identificados por alcunhas como a Apresentadora do Programa de Variedades da Televisão, Que Era Loura, o Japonês da IBM e o Executivo De Gravata Vinho Com Listras Diagonais Alaranjadas, e não se esforçam para transcender esses epítetos — pelo contrário. No romance “O paraíso é bem bacana” (2006), o jogador de futebol Mané troca o Santos pelo Hertha Berlin, converte-se a uma vertente extremista do islã, é rebatizado como Muhammad Mané e acaba envolvido em um atentado terrorista. Nas histórias de “O Brasil é bom” (2014) e do recém-lançado “Discurso sobre a metástase” (Todavia), temos esse mesmo esmiuçar de uma terrível banalidade linguageira que, de uma forma ou de outra, sempre resulta em violência.

Qualquer pessoa que vive no Brasil contemporâneo (e não é uma boca) conhece bem e, em muitos casos, sente na pele essa violência do discurso e esse discurso da violência. Ambos são lados de uma mesma moeda, baseados na repetição de chavões e mentiras, na corrupção do verbo, da república e do espírito. Para dar conta desse deserto da consciência que é — sempre foi, sublinhe-se — o nosso país, Sant’Anna recorre a um estilo prolixo e repetitivo, metralhado por lugares-comuns e caracterizado por uma, vá lá, lógica interna muito peculiar. Ou seja, é uma paródia literariamente estúpida das imbecilidades que assolam as redes sociais e os almoços domingueiros de boa parte das famílias brasileiras.

“Discurso sobre a metástase” é dividido em três partes: “O homem”, “O autor” e “O discurso”. A primeira delas é composta por catorze histórias de tamanhos variados (qualquer coisa entre uma e 39 páginas), incluindo a que dá título ao volume. A segunda parte apresenta três narrativas autobiográficas, com destaque para “A história do meu pai”, bela elegia para Sérgio Sant’Anna, falecido em 2020: “Eu não conseguia enquadrar a literatura do meu pai junto com as outras literaturas que eu estava começando a ler. Só algum tempo depois eu comeci a conhecer outras literaturas que não se encaixam em lugar nenhum. Literatura de exceção?”. Por fim, na terceira parte, temos uma narrativa que emula a forma teatral (à certa altura, Godot entra em cena e pergunta: “E aí? Qual que vai ser?”) para descrever, entre outras coisas, a ascensão dos Imbecis (sic) que hoje testemunhamos: “Ainda tinha os livros”, diz o personagem Zeitgeist, “mas (...) não foi preciso nem fazer lei. Foi uma coisa espontânea, lindo, as fogueiras de palavras, os imbecis tomando as ruas, os imbecis todos trazendo seus agrupamentos de palavras impressas como combustíveis

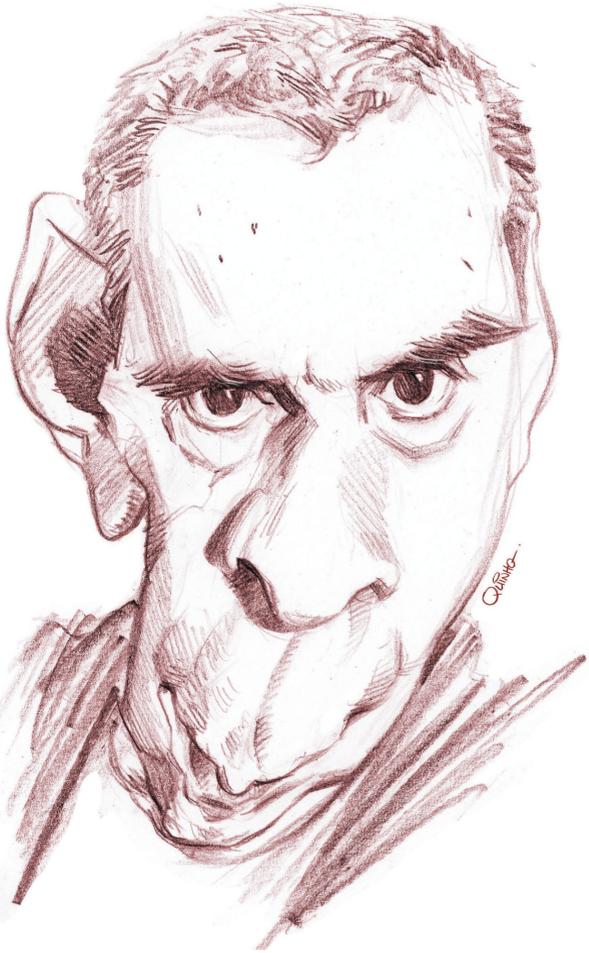
para as fogueiras. Finalmente, éramos todos iguais, todos imbecis”. O teor e a reconstituição dessa imbecilidade pela via ficcional são muitas vezes cômicos, mas também aterrorizantes. É algo próximo demais do cotidiano grotesco sob o qual estamos soterrados. E não há, aqui, nenhuma facilidade. Tome-se como exemplo a história-título. Nela, a obtusidade é devassada por meio de uma forma também obtusa, que reitera certas expressões (“homens de bem”, “está chovendo dinheiro em Nova York”, “croc-chips-bits-burgers”, “dinheiro, que é a coisa mais importante que existe”, “a culpa é do direitos humanos”, “classe baixa alta”) e é repleta de contradições (“Libere o seu inconsciente fascista! Diga sim à violência do bem!”; “Faça uso da violência legítima que a sua superioridade natural permite e garanta a sobrevivência da civilização que erguemos (...), dos croc-chips-bits-burgers que continuarão sendo os pilares do inesgotável crescimento de nosso Produto Interno Bruto”).

O ridículo e o absurdo

O emaranhado absurdo desse discurso ridiculariza à perfeição os espermios de certas figuras da República, como os tuites daquele famigerado “vereador federal” e as falas golpistas do chefe do Executivo, bem como os mugidos da massa em que se misturam fundamentalistas religiosos, ignorantes, paranoicos, ressentidos e oportunistas, todos naquela “angústia das novas classes, a nova classe média, a nova classe, a Classe Baixa Alta”, nesse “Brasil cheio de policiais honestos vibrando com o filme do Páidilha, dando tapas nas caras de adolescentes e jovens de cor escura que usam boné com a aba para trás e corrente no pescoço” (em “Purgatório”), Brasil no qual o “pobre, quando é criança, vai na escola pública ruim e toma um tiro na cabeça, no meio da aula” (em “Os melhores do mundo”). Em meio à sujidade pretérita e presente, não surpreende que um levante social se dê por conta do raciocínio que, mais uma vez, está a caminho: “com aquele fedor que já estava tomando conta de tudo. Aquele cheiro de podre no ar. Aquele cheiro de civilização em decadência” (em “A idade das trevas”).

Em suma, as histórias expõem esse irracionalismo essencial que suplantou qualquer possibilidade de convivência pacífica. O radicalismo formal é, portanto, uma resposta ao desarvoramento do real, presente mesmo nos textos que versam sobre outros temas: “Ela vai morrer no final” descreve um traumático acúmulo de adiamentos, e a história se transforma e desvia para chegar ao messimístico e irrespirável lugar. Por tudo isso, “Discurso sobre a metástase” é um notável exemplar da “literatura de exceção” que André Sant’Anna enxergava nos escritos do pai.

*André de Leones é escritor, autor do romance “Eufraates” (José Olympio), entre outros



na obra do Sérgio: a diversidade. Havia um pouco de tudo ali, desde narrativas mais convencionais, como “A filha de Drácula”, até textos mais metalinguísticos e experimentais, como o “Anticonto”.

Como o “Anticonto” se insere nas narrativas de Sant’Anna sobre o fazer literário?

O “Anticonto” tem parentesco com uma série de outras narrativas, como “Conto (não conto)”, “Um conto abstrato” e “O conto fracassado”, que, em conjunto, formam praticamente um subgênero que atravessa toda a obra do Sérgio. Ele disse uma vez, a respeito da própria ficção: “É como se o mundo, para mim, já surgisse filtrado pela representação”. Nessas narrativas, isso é radicalizado, a representação salta para o primeiro plano e vira a própria razão de ser do texto.

O que você destaca na novela inacabada “Carta marcada”? Como Belo Horizonte aparece nessa narrativa?

“Carta marcada” é uma novela que tem alguns elementos autobiográficos evidentes, e um deles é justamente a Belo Horizonte que aparece nela, que é a cidade dos anos de formação do Sérgio, no final da década de 1960 e começo da década de 1970. Uma cidade ao mesmo tempo muito conservadora e muito efervescente do ponto de vista cultural. Uma cidade em que o narrador só podia ficar com a namorada na varanda da casa dela, enquanto era observado pela família dela, mas ao mesmo tempo virava noites discutindo política e literatura nos botequins. Mas a novela vai bem além desse cenário, ela mergulha fundo em várias obsessões do Sérgio. Tem fantasias sexuais, tem poesia, tem violência, tem humor... tem um pouco de tudo isso ali.

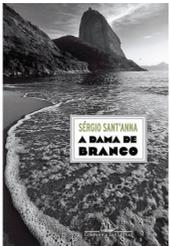
“A dama de branco” é uma das mais fortes narrativas, a ponto de ser o título do livro. O que mais chama a sua atenção nessa história?

“A dama de branco” foi o último conto publicado pelo Sérgio, 10 dias antes de morrer. Sabendo disso, é difícil não ver uma espécie de premonição ao ler uma frase como “às vezes penso que a dama de branco é a própria morte”. O conto é uma espécie de despedida, e parece que ele sabia disso.

dos outros, é difícil sugerir um só. Sugiro três: “Anjo noturno”, “O voo da madrugada” e “O concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro”.

“Por que escrevo?”, pergunta o autor no título de uma das narrativas. Você arriscaria uma resposta? Por que Sant’Anna escreveu?

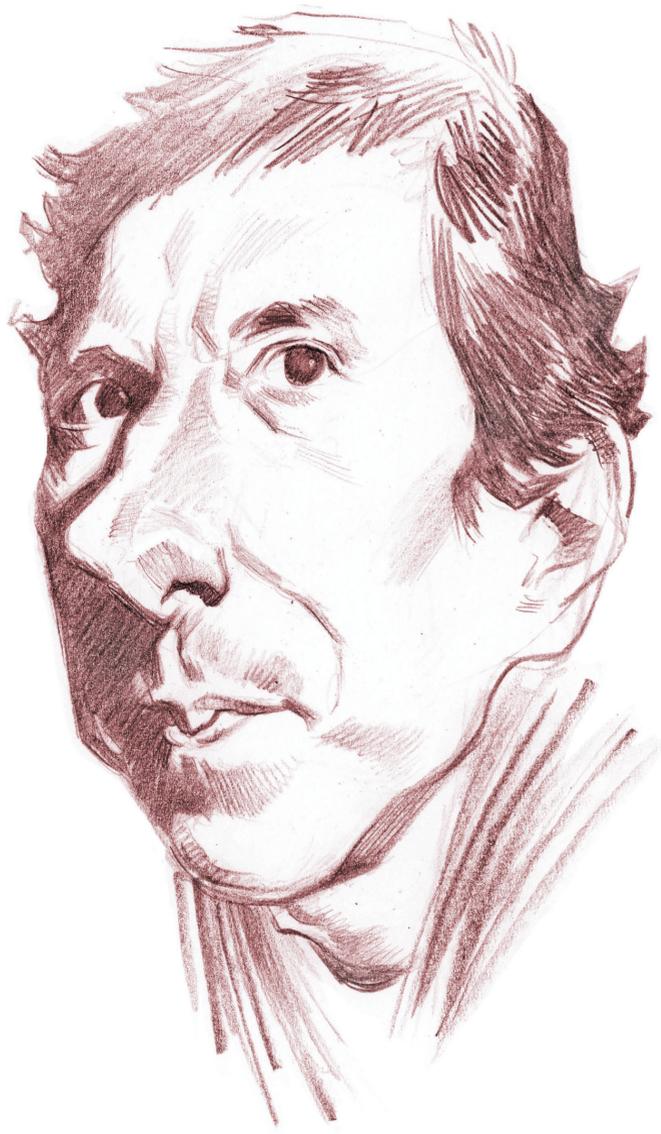
Um dos melhores ensaios do Sérgio, que está na antologia “O conto não existe” (que organizei com o André Nigri), se chama “A arte de não escrever”. No ensaio, ele discute sobre “essa arte tão dura e demandante de rigor que é a de silenciar quando não se tem o que dizer”. Depois de listar muitas razões para não escrever, ele diz: “Porém, se, apesar de tudo, a necessidade de expressar-se por escrito brota dentro de alguém como uma toxina endógena, é melhor expeli-la em palavras”. E eu acho que é por isso que ele escrevia: por pura e incontornável necessidade.



- “A DAMA DE BRANCO”
- Sérgio Sant’Anna
- Organização e apresentação de Gustavo Pacheco
- Companhia das Letras
- 188 páginas
- R\$ 59,90



- “DISCURSO SOBRE A METÁSTASE”
- André Sant’Anna
- Editora Quixote+Do
- Todavia
- 216 páginas
- R\$ 64,90



Trecho

“Quando saiu ‘Confissões de Ralfo’, eu já era o George Harrison e o livro era todo psicodélico, e eu ficava ouvindo o ‘Dark Side of the Moon’ o tempo todo, e o ‘Clube da Esquina’, e a cidade do livro era Gotham City e, além de ser George Harrison, eu era também o Batman, e, nessa época também, setenta e poucos, eu comeci a ouvir as histórias da ditadura militar, as torturas e tal, e, no ‘Ralfo’, tinha o trecho do ‘Interrogatório’, que dava medo, sei lá, podiam prender o meu pai pelo conto, sei lá, mas eram engraçadas as perguntas dos torturadores, os temas das perguntas e eu pensava nos meus professores da escola me torturando, a minha professora de português, que eu amava, me torturando. (...)”